

Estação *Literária*

===== O Tempo e a Memória =====

Escola Estadual Professora Hermínia Pereira de Almeida

Edição 2026





Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>

Editor-gerente: Fábio César Junges
Capa: Editora Ilustração

CONSELHO EDITORIAL

Artur Pereira da Silva
Elaine Cristina Martins de Sá
Elisangela Matos Cardoso
Elta da Silva Mendes
Luana Luiz Câmara Sampaio
Maria da Conceição Vieira de Oliveira
Munique Ada Cordeiro
Renato Alves Teixeira
Wilson Pereira Sander

DIRETORA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Rita Soares Mendes

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E79 Estação Literária : o tempo e a memória / Escola Estadual Professora Hermínia Pereira de Almeida ; organizador: Artur Pereira da Silva. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026. 40 p. : il.

ISBN 978-65-6135-340-3

DOI 10.46550/978-65-6135-340-3

1. Literatura - Periódico. 2. Memórias. I. Escola Estadual Professora Hermínia Pereira de Almeida II. Silva, Artur Pereira da (org.)

CDU: 869.0(81)-92

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

E-mail: eilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br





SUMÁRIO

EDITORIAL.....	4
1. MEMÓRIAS LITERÁRIAS	6
2. A LITERATURA POR TRÁS DE NOSSAS MEMÓRIAS.....	10
JOSEFINA LEMOS PEREIRA	11
SANDOVAL DUARTE DOS SANTOS	13
MARIA CELESTE BOTELHO CANTÃO	16
FLORACI RODRIGUES DA FONSECA	19
ILDA SANTANA DE ARAÚJO	21
EDNÓLIA SILVA MACHADO.....	23
JOÃO BATISTA DA SILVA	25
IVANETE ALMEIDA DE OLIVEIRA.....	28
NÁDIA LÚCIA SALOMÃO ALMEIDA	30
LUCIANO PESSOA DE ANDRADE LIRA	32
3. MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA.....	34
4. CLUBE DOS 60: LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DE UM TEMPO QUE NÃO SE APAGA.....	36

A realização desta revista literária é fruto do trabalho coletivo dos profissionais da Escola Estadual Professora Hermínia Pereira de Almeida, construído com dedicação, sensibilidade e compromisso com a valorização da literatura e da memória. Expressamos nossa sincera gratidão a todos que contribuíram para tornar este projeto possível.

Agradecemos, especialmente, à equipe responsável pela reunião, organização e seleção dos textos, que reuniu tantas histórias, lembranças e experiências nesta publicação. Cada contribuição foi essencial para dar vida a este projeto, que valoriza a riqueza das palavras e a preservação das memórias que constituem nossa identidade.

Aos professores e à direção da escola, agradecemos pelo apoio, pela confiança e pelo incentivo à participação dos estudantes, cuja criatividade e sensibilidade dão significado às páginas desta revista. Esse envolvimento fortalece a escola como espaço de escuta, criação e preservação de histórias, reconhecendo a importância da leitura, da escrita e da cultura na formação humana e intelectual dos estudantes.





EDITORIAL

A vida é um amalgamado de memórias, entrelaçadas por tempos idos e horizontes (in)finitos. É nela que se descortinam as mais longínquas estações da existência, onde histórias inesquecíveis atravessam as fronteiras do tempo, transitam entre passado e presente e resistem ao silêncio dos dias. No encontro entre o ontem e o amanhã, nasce uma manhã de lembranças: aquelas que desafiam o esquecimento, transcendem a efemeridade da matéria e reivindicam o direito de permanecer, assim como a alvorada rasga o véu da escuridão e derrama sua luz sobre o dia que nasce.

Sob a luz dourada da manhã, aquecem-se as memórias vivas, cujas luzes atravessam gerações e resistem ao inevitável apagamento temporal. Movida por esse propósito, a locomotiva da memória rompe as barreiras cronológicas e percorre as estações da existência, do passado ao presente. Em seus vagões, a memória transporta histórias de lugares e personagens que marcaram épocas, vidas atravessadas pela complexidade dos sentidos e sentimentos: amar, desamar, malamar ou, simplesmente, esquecer para curar a dor - a dor que deveras sente.

Nessa perspectiva, o passado amplia os sentidos do presente e semeia o futuro de novas possibilidades. Ao contrário do que se possa imaginar, o passado não se restringe a acontecimentos aprisionados em um tempo ido, aparentemente encerrado em sua finitude. Antes, permanece vivo nas lembranças que atravessam gerações, nos vestígios que resistem ao esquecimento e nas narrativas que, ao serem evocadas, ressignificam o vivido e projetam novos sentidos para o porvir. Sob essa ótica, recordar não é simplesmente revisitar o que passou, mas reconstruir, à luz do presente, os sentidos daquilo que o tempo não conseguiu apagar.

Para além das categorias temporais, metaforicamente concebidas como estações de uma longa viagem, o passado não se configura como um mero repositório de acontecimentos pretéritos, mas como um território vivo de experiências e vivências. Segundo Beatriz Sarlo¹, há uma possibilidade real de “reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência” (2009, p. 19). Dessa maneira, a reprodução de narrativas orais do passado não tem como objetivo proporcionar ao leitor certezas absolutas ou verdades indiscutíveis. Todavia, a escrita de relatos orais baseada em experiências vividas deixa sua marca na história, suscitando a possibilidade de hipóteses e de indagações, cuja validação ou contestação ficará a cargo do leitor e da crítica.

Sob esse prisma, a tarefa de contar histórias se alinha com os postulados de Walter Benjamin², ensaísta alemão, quando observa que um traço peculiar da narrativa é a sua capacidade de lidar com a memória e comunicá-la com o tempo. Contar e recontar histórias, então, estabelece um legado para os esquecidos, repassa os saberes da tradição e, assim, evita a corrosão temporal e impede o apagamento da história e da memória, principalmente, daqueles que são esquecidos pela narrativa oficial.

O rastro da experiência perpetuada através da narração, como ocorre nesta edição da “*Estação Literária: o Tempo e a Memória*”, permite a resistência e persistência da memória. Esse projeto narrativo ligado à experiência não deixa de levar em consideração a perda, a fragmentação e a “inconclusão” constante dos acontecimentos narrados, mesmo com a aparente “contradição essencial entre o perecer da memória e o desejo de conservar, de resguardar, de salvar o passado do esquecimento” (Benjamin, 1987, p. 81). Nesse sentido, a conservação de histórias e experiências, resgatadas nesta revista torna o passado vivo novamente no presente, através da linguagem que pretende salvaguardar do esquecimento. Desse modo, a vivacidade pulsante do narrado fica preservada contra

1 SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. Resenha de: GONÇALVES, Fabio Henrique. Em Tempo de Histórias, Brasília, n.14, p.212-219, jan./jun., 2009.

2 BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.





a perenidade temporal, tornando o passado inacabado, presente no presente, com sua ininterrupta atualização e lampejos de futuro.

Com esse conceito em mente, os jovens investigadores da Escola Estadual Professora Hermínia Pereira de Almeida embarcaram nessa viagem pelo tempo, adentrando territórios da memória repletos de lembranças. Essas narrativas são tecidas por fios tênues, nos quais o vivido se entrelaça ao imaginado, tendo em vista que recordar é também ressignificar: preencher lacunas, decifrar silêncios e reconhecer que cada memória abriga uma verdade singular, atravessada pelas experiências, pelos sentimentos e pelas percepções de quem a preserva. Logo, a memória seleciona fragmentos do que foi vivido e tece aquilo que será narrado; e, em sua (im)precisão, reinventa os caminhos do passado e confere novas formas de permanência ao que insiste em habitar o presente.

Nesse trajeto tortuoso entre passado e presente, assenta-se o propósito desta edição de 2026 da revista literária da Escola Hermínia. Os idosos de Ataléia, verdadeiras bibliotecas vivas, abriram as portas de suas lembranças para compartilhar saberes, experiências e vivências com os estudantes. Nesses diálogos, aprofundou-se o conhecimento acerca da história local, ao mesmo tempo que se proporcionou aos alunos o contato com memórias, relatos e manifestações culturais que contribuíram para a formação da identidade do município.

Nesse processo, resgataram-se vestígios identitários que marcaram diferentes gerações e que permanecem presentes na memória coletiva, pois, quando uma história é narrada, deixa de pertencer apenas àquele que a viveu e passa a integrar o patrimônio cultural e histórico de toda uma comunidade. Dessa maneira, o resgate dessas memórias tornou-se um importante instrumento de valorização da cultura local, de preservação do patrimônio imaterial e de fortalecimento dos vínculos entre a escola e a comunidade na qual está inserida. Assim, o mote da revista aproximou gerações, fortaleceu o sentimento de pertencimento e valorizou a história e a cultura local.

Depois de tantas partidas e chegadas, de percursos (a)temporais e encontros com as múltiplas faces da vida, a locomotiva Hermínia finalmente estaciona na estação do presente. Traz consigo a riqueza das vozes ouvidas, as lembranças compartilhadas e a certeza de que a memória constitui uma das mais preciosas formas de resistência ao esquecimento. Na última estação, as narrativas que atravessaram o tempo tornaram-se matéria-prima para a produção literária dos estudantes, que, por meio de poemas, contos, crônicas e biografias, reconstroem as histórias de vida dos entrevistados e transformaram suas memórias em arte, a ser lida, apreciada e perpetuada entre essas singelas páginas.

Neste desembarque simbólico, a escrita literária presta homenagem aos idosos e à cidade de Ataléia, transformando a palavra em arte e as histórias vividas em novas memórias. É assim que o tempo passa, as estações se sucedem e a vida segue seu curso; contudo, enquanto houver quem conte, quem escute e quem escreva, a memória permanecerá em movimento, como uma locomotiva que jamais encerra sua viagem e conduz o passado pelos trilhos do presente em direção às infinitas possibilidades do futuro.

Dito isso, caros leitores, convidamos vocês a mergulhar nas páginas desta revista, concebida como uma viagem ao passado que permanece presente, com o propósito de valorizar a história, o legado e a cultura de nossa cidade. Aceite esse convite à conexão com o passado e à reflexão sobre o futuro. Que esta leitura inspire um sentimento de pertencimento e orgulho pela história que compartilhamos e que, de certa forma, nos une.

Me. Artur Pereira da Silva





1. MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Memória, perspectiva e narrativa em Dom Casmurro



“Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias.” (Capítulo LIX — “Convivas de boa memória” — Dom Casmurro)

Joaquim Maria Machado de Assis

Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Destacou-se principalmente no romance e no conto, embora tenha escrito crônicas, poesias, crítica literária e peças de teatro.

Machado de Assis escreveu nove romances. Os primeiros — Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia, apresentam alguns traços românticos na caracterização dos personagens.

A partir da publicação do romance, Memórias Póstumas de Brás Cubas, teve início sua fase propriamente realista quando revelou seu incrível talento na análise do comportamento humano, descobrindo por trás dos atos bons e honestos, a vaidade, o egoísmo e a hipocrisia.





RESENHA: DOM CASMURRO

Dom Casmurro, de Machado de Assis, conta a história de Bentinho, um homem que decide narrar sua vida e, principalmente, seu relacionamento com Capitu, seu grande amor. O problema é que Bentinho passa boa parte do livro tentando descobrir — ou convencer o leitor — de que Capitu o traiu com seu melhor amigo, Escobar.

Machado de Assis constrói a história de um jeito genial, porque nunca deixa claro se a traição realmente aconteceu. Tudo é contado pelo próprio Bentinho, que é ciumento, inseguro e claramente não é a pessoa mais confiável para contar essa história. Ou seja, o sujeito pode ter levado um chifre ou simplesmente ter criado um na própria cabeça. E, convenhamos, Bentinho, ao investigar a própria esposa, parece mais um detetive sem provas do que um marido tranquilo.

A obra critica o ciúme, a insegurança e a forma como podemos distorcer os acontecimentos para favorecer nossa própria versão. Capitu se tornou uma das personagens mais marcantes da literatura brasileira justamente por permanecer misteriosa, enquanto Bentinho virou praticamente o primeiro “corno narrador” da literatura nacional. No fim, **Dom Casmurro** é uma obra inteligente, irônica e cheia de ambiguidades. Machado não entrega a resposta de bandeja e deixa o leitor decidir se houve traição ou se Bentinho apenas surtou. É justamente essa dúvida que faz o livro continuar sendo discutido até hoje.

Vitor Verciano Bredoff

RESENHA: DOM CASMURRO

A obra *Dom Casmurro*, escrita por Machado de Assis e publicada em 1899, é uma das criações mais importantes da literatura brasileira e apresenta uma história bastante intrigante. A narrativa retrata a vida de Bentinho, contada por meio de suas lembranças, desde a juventude até a fase adulta. Os principais temas abordados nessa obra são a desconfiança, o amor e o ciúme.

A história se inicia quando Bentinho se apaixona por Capitu. No entanto, os dois enfrentam dificuldades para ficar juntos devido a uma promessa feita pela mãe de Bento. Com a ajuda de José Dias e Escobar, ele consegue contornar a situação e, posteriormente, casar-se com Capitu. Após perceber a semelhança entre seu filho e o amigo falecido, Escobar, Bentinho começa a alimentar a suspeita de que sua esposa o teria traído. Entretanto, ao final do livro, não há confirmação de que essa traição realmente tenha ocorrido.

O fato de a narrativa ser contada em primeira pessoa, ou seja, pelo próprio Bento Santiago, torna a história ainda mais intrigante e questionável, uma vez que ela se baseia nas memórias e nos sentimentos de Dom Casmurro. Assim, não é possível determinar se os fatos correspondem à realidade ou se foram distorcidos pela visão influenciada pelo ciúme doentio do narrador.

O aspecto mais marcante dessa obra é justamente a incerteza em relação à possível traição. O autor não apresenta uma resposta definitiva, mas promove uma reflexão sobre como a desconfiança pode distorcer nossa maneira de interpretar e enxergar os acontecimentos.

Portanto, essa obra permanece sendo de grande valor para a literatura brasileira, pois aborda questões atemporais, como a dificuldade de distinguir a realidade daquilo em que acreditamos. Sendo assim, o impacto do livro está no fato de o autor nos levar não apenas a refletir sobre a fidelidade de Capitu, mas também a questionar a confiabilidade do próprio narrador.

Júnia Batista dos Santos





O PEQUENO PRÍNCIPE



“Entre os homens a gente também se sente só.” – Pág. 60

“Sobre os homens: ‘O vento os leva. Eles não têm raízes. Eles não gostam das raízes.’” – Pág. 62

“Os vaidosos só ouvem os elogios” – Pág. 44

“Para os vaidosos, os outros homens são seus admiradores.” – Pág. 42

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” – Pág. 74

“É preciso que suporte as larvas se quiser conhecer as borboletas.” – Pág. 36

“As sementes são invisíveis. Elas dormem nas entranhas da terra até que uma cisme de despertar. Então ela se espreguiça e lança timidamente para o sol um inofensivo galhinho.” – Pág. 22

“Espinhos não servem pra nada, são pura maldade das flores.” – Pág. 28

“Se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo.”



“Durante muito tempo não tiveste outra distração a não ser a doçura do pôr-do-sol.” – Pág. 26

“Eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números.” – Pág. 20

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso.” – Pág. 7

“Quando a gente anda sempre em frente, não pode ir muito longe...” – Pág. 18

“As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando.” – Pág. 10

“As crianças devem ser muito tolerantes com as pessoas grandes.” – Pág. 20

“Palavras pronunciadas ao acaso é que foram, pouco a pouco, revelando a sua história.” – Pág. 15

“Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras.” – Pág. 33





A ATEMPORALIDADE DO LIVRO *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Livro de criança? Com certeza.

Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.

Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantas milhões e milhões de pessoas? Como explicar que a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes?

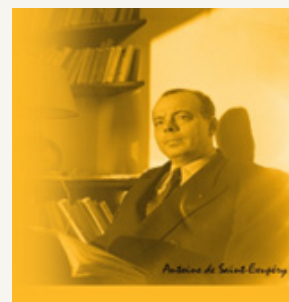
Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja tão comovente para tantas pessoas?

O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

Amélia Lacombe

Antoine de Saint-Exupéry

Antoine de Saint-Exupéry foi escritor e ilustrador, além de piloto durante a Segunda Guerra Mundial. É autor de *O Pequeno Príncipe*, um dos maiores clássicos da literatura infanto-juvenil, e escreveu livros de memórias e sobre a vida militar. Sua primeira obra foi *O aviator*, lançada em 1926. Publicou ainda *Terra dos homens* e *Cidadela*.



RESENHA: O PEQUENO PRÍNCIPE

Na obra *O Pequeno Príncipe*, escrita por Antoine de Saint-Exupéry, é contada a história de um pequeno príncipe que vem de um asteroide. Esse menino tem o intuito de compreender diferentes lugares do mundo. Quando chega à Terra, conhece uma raposa, que o ajuda a refletir sobre vínculos e valorização.

Um dos principais pontos desse livro, é a importância dada às coisas simples. Ao longo da leitura, é visível que o garoto tem a curiosidade de conhecer mais o mundo, o que demonstra amadurecimento e independência.

Nessa viagem, ele percebe diferentes tipos de pessoas e também aprende a refletir sobre como se pode criar vínculos com pequenas ações e torná-las tão especiais.

Constata-se que, o autor da obra quis deixar uma mensagem objetiva e eficiente, transformando uma história infantil em uma lição e reflexão sobre amizade, amor, convivência, valorização e infância. Nesse sentido, mostra a importância do autoconhecimento.

De modo geral, *O Pequeno Príncipe* é uma história que promove a reflexão sobre sentimentos e sobre como apreciar e dar valor à vida. Por isso, a narrativa é relevante, especialmente para debater sobre questões relacionadas às emoções e ao futuro.

Maria Laura Souza de Assis





2. A LITERATURA POR TRÁS DE NOSSAS MEMÓRIAS



Tempo que ficou para trás

Em uma pequena rua de terra,
onde bolinha de gude valia ouro,
pique bandeira era uma verdadeira guerra
e a bola de futebol era feita de folhas e sacolas.

No fim do dia,
um joelho ralado
e o coração repleto de memórias
que jamais serão esquecidas.

Naquela época,
o céu era mais colorido,
a água mais doce
e a comida mais saborosa.

Olhávamos com os olhos inocentes,
bebíamos com a sede da brincadeira
e comíamos com a fome de um dia inteiro.

Uma infância realmente vivida,
sentida com a alma.
Cada momento, cada brincadeira, era mais que especial.

Momentos que ficarão para sempre
(em mim),
os momentos em que eu fui feliz sem perceber.

A rua já não é mais de terra.
A bolinha de gude já não vale mais nada.
Nós crescemos e a nossa infância chegou ao fim.

No final das contas,
não se trata do que vivemos,
mas de como vivemos.

(Kamila Machado de Souza)





NOSSAS MEMÓRIAS

JOSEFINA LEMOS PEREIRA

Por: Ana Sofia Silva Pereira, Geovanna Camilo Lima e Laila Félix Botelho Lima



Estação Passado: Josefina Lemos (1992)



Estação Presente: Josefina Lemos

Josefina Lemos Pereira, conhecida por muitos como Dona Zifinha, nasceu em 24 de abril de 1945, em Ataléia, Minas Gerais, cidade onde cresceu e construiu grande parte de sua história.

Filha de Antônio Lemos e Maria Cardoso, teve uma infância simples ao lado de seus 12 irmãos. Durante esse período, foi criada principalmente por sua irmã e madrinha, Maria Lemos, com quem aprendeu a costurar e bordar. Esses aprendizados fizeram parte de sua infância e contribuíram para sua formação.

Desde pequena, Dona Zifinha aprendeu a cuidar dos afazeres domésticos e a lidar com as responsabilidades do dia a dia. Ao longo da vida, tornou-se uma mulher que valoriza a simplicidade, a independência e os laços familiares. Mesmo tendo passado por diferentes situações e dificuldades, continuou vivendo em Ataléia e mantendo os valores que aprendeu desde cedo.

Em 2000, após o falecimento de seu filho mais velho, Antonélio Lemos, Dona Zifinha começou a se dedicar à pintura de telas. Essa atividade passou a fazer parte de sua rotina e se tornou uma maneira de expressar seus pensamentos e ocupar seu tempo livre.

Desde então, ela continua pintando telas e encontra nessa atividade uma forma de desenvolver sua criatividade. Sua história mostra um pouco de sua trajetória de vida, marcada pelas experiências, pelos desafios e pela simplicidade que mantém até hoje.





NOSSAS MEMÓRIAS

Colorir

Depois de tantos anos vivendo em Ataléia, Dona Zifinha guarda consigo muitas histórias. Algumas trazem lembranças felizes; outras, recordações difíceis, marcadas pela saudade e pela dor. Entre as experiências que marcaram sua vida, a perda de seu filho mais velho deixou uma ausência profunda. Foi nesse momento delicado que ela encontrou na pintura uma forma de seguir em frente.

No início, pintar talvez fosse apenas uma maneira de ocupar o tempo e aliviar os pensamentos. Aos poucos, porém, as tintas e os pincéis ganharam um significado especial. A cada nova criação, Dona Zifinha descobria uma forma de expressar o que sentia, mesmo quando as palavras não eram suficientes.

Diante da tela, ela encontrava um momento só seu, no qual podia imaginar, criar e transformar sentimentos em cores. A saudade continuava presente, mas, entre pinceladas, havia espaço para a tranquilidade, a criatividade e a alegria de produzir algo com as próprias mãos.

Com o passar dos anos, a pintura se tornou parte de sua rotina e de sua história. Cada obra carrega um pouco de sua dedicação, de suas lembranças e de sua maneira de enxergar a vida. A dor não desapareceu, pois certas ausências permanecem no coração, mas Dona Zifinha encontrou na arte uma companhia para os dias e uma nova forma de dar sentido ao tempo.

Hoje, ela continua pintando, deixando em cada tela um pouco de si. Suas obras são mais do que combinações de cores: representam uma história de vida, feita de lembranças, saudades e recomeços.

O Jardim

Era uma manhã tranquila em Ataléia. O sol surgia devagar entre as montanhas, enquanto o canto dos pássaros anunciava o início de mais um dia. As pessoas já se preparavam para suas tarefas, e Dona Zifinha, já bem velhinha e de cabelos brancos, estava sentada perto da janela, segurando uma fotografia antiga nas mãos. As bordas das fotografias haviam sido desgastadas pelo tempo, mas ela ainda reconhecia cada rosto. Enquanto observava as imagens, ouviu uma voz conhecida:

— Mãe, a senhora está olhando essas fotos de novo?

Era Henrique, seu filho. Dona Zifinha sorriu e respondeu:

— Estou, meu filho! Essas fotos guardam muitas histórias...

Henrique se aproximou e sentou-se ao lado dela.

— Então, conte-me uma história que eu ainda não conheço.

— Se eu começar a contar, nós vamos ficar o dia todo aqui.

— Hoje eu tenho tempo — respondeu Henrique.

Dona Zifinha começou a contar suas lembranças com cuidado, falando de seu pai, Antônio Lemos, de sua família, dos momentos felizes e das dificuldades que enfrentou ao longo da vida.

Do lado de fora, o vento balançava suavemente as flores do jardim, de que Dona Zifinha cuidava com tanto carinho. Henrique observou por alguns instantes aquele pequeno espaço e, em seguida, voltou os olhos para as fotografias antigas, que o tempo não consumia.

Ao observar o jardim por mais alguns instantes, Henrique percebeu que a vida de Dona Zifinha se parecia com ele: era cheia de fases, épocas de florescimento, períodos de dificuldades e raízes que continuavam firmes. Afinal, a beleza não estava apenas nas pétalas das flores, mas também na resistência das raízes. Assim também era a vida, cuja beleza estava nas raízes, nas memórias e nos sentimentos guardados no coração e nas fotografias.

Ao ouvir que o filho tinha ainda mais tempo para escutar suas histórias, Dona Zifinha corou, os olhos se encheram de lágrimas e, abrindo um belo sorriso, disse:

— Filho, a vida é jardim...

Enquanto o vento continuava a beijar as flores do jardim, mãe e filho passaram a tarde plantando e cultivando memórias.





NOSSAS MEMÓRIAS

SANDOVAL DUARTE DOS SANTOS

Por: Lunna Vieira Duarte, Livia Rafaela Rodrigues dos Santos, Mariany Pereira Gomes Silva, Ruany Vitória Costa de Oliveira



Estação Passado: Lenir e Sandoval

Sandoval Duarte dos Santos nasceu no dia 15 de agosto de 1951, na Fazenda Guanabara, no Córrego da Mutuca, município de Ataléia, Minas Gerais. Desde muito novo, sua vida foi marcada por dificuldades que o ensinaram a ser forte e a lutar por um futuro melhor.

Quando tinha apenas seis anos de idade, perdeu sua mãe, que faleceu quando ele estava com sua irmã Maria. Depois dessa grande perda, precisou amadurecer cedo e trabalhar muito para construir sua própria história. Seu pai continuou morando na região, mas seu tio o levou para outra cidade. Aos 12 anos, Sandoval decidiu ir atrás do pai, que já havia se casado novamente e formado outra família. Ele passou um período vivendo com o pai e a madrasta, enfrentando os desafios de uma infância que exigiu muita coragem e responsabilidade.

Com o passar dos anos, Sandoval conheceu Lenir Alves do Nascimento, a mulher com quem construiria sua família. Os dois se casaram no dia 18 de janeiro de 1976, dando início a uma nova etapa de suas vidas. Em outubro de 1988, Sandoval e Lenir vieram para Ataléia, trazendo consigo sonhos e a vontade de conquistar uma vida melhor.

Após um ano e oito meses de casamento, nasceu o primeiro filho do casal, Gildonclei Duarte dos Santos. Mais tarde, tiveram Giliaque Duarte dos

Santos, que faleceu com apenas um ano e dois meses de idade, em decorrência de bronquite aguda, conforme informado pelos médicos. Foi uma perda dolorosa para toda a família. Depois, vieram Emerson Duarte dos Santos, Fabruna Duarte dos Santos e Andressa Duarte dos Santos, completando a família que Sandoval e Lenir construíram juntos.

Ao longo de sua trajetória, Sandoval trabalhou muito para dar melhores condições de vida à esposa e aos filhos. Abriu uma venda, tornou-se comerciante de gado e, com esforço, dedicação e perseverança, foi conquistando seu espaço. Mesmo diante das dificuldades, nunca deixou de buscar seus objetivos.

Com o passar dos anos, conseguiu realizar muitos sonhos. Construiu um patrimônio com mais de nove casas, conquistou sua fazenda e criou seus quatro filhos com dedicação, procurando oferecer a eles uma boa criação e os valores que aprendeu durante sua própria vida. Sua história mostra que, mesmo começando com tantas





Estação Presente: Sandoval e Lenir

dificuldades, é possível crescer por meio do trabalho e da determinação.

Hoje, Sandoval tem seis netos — Anna Júlia Duarte dos Santos, Davi Neto Duarte dos Santos, Lunna Vieira Duarte, Pedro Duarte Nunes, Sophia Duarte Nunes e Helena Duarte Rocha — e uma bisneta, Alice Duarte Fonseca, que representam a continuidade de sua história e o crescimento de sua família.

A vida de Sandoval Duarte dos Santos é uma história de superação, trabalho e conquistas. Um homem que enfrentou perdas desde a infância, trabalhou duro para construir seu caminho e, com o passar dos anos, conseguiu realizar muitos dos seus sonhos. Mais do que os bens materiais que conquistou, deixa como legado sua trajetória de luta, sua família e o exemplo de que nunca devemos desistir de buscar uma vida melhor.





NOSSAS MEMÓRIAS

Um litro de pinga...

Eu nunca fui de acreditar muito nessas coisas de ler a mão, mas, quando tinha por volta de 17 ou 18 anos, aconteceu algo de que nunca me esqueci.

Certa vez, fui a uma curandeira buscar remédio para um primo. Quando estava indo embora, ela me perguntou: — Você quer que eu olhe sua mão, Sandoval?

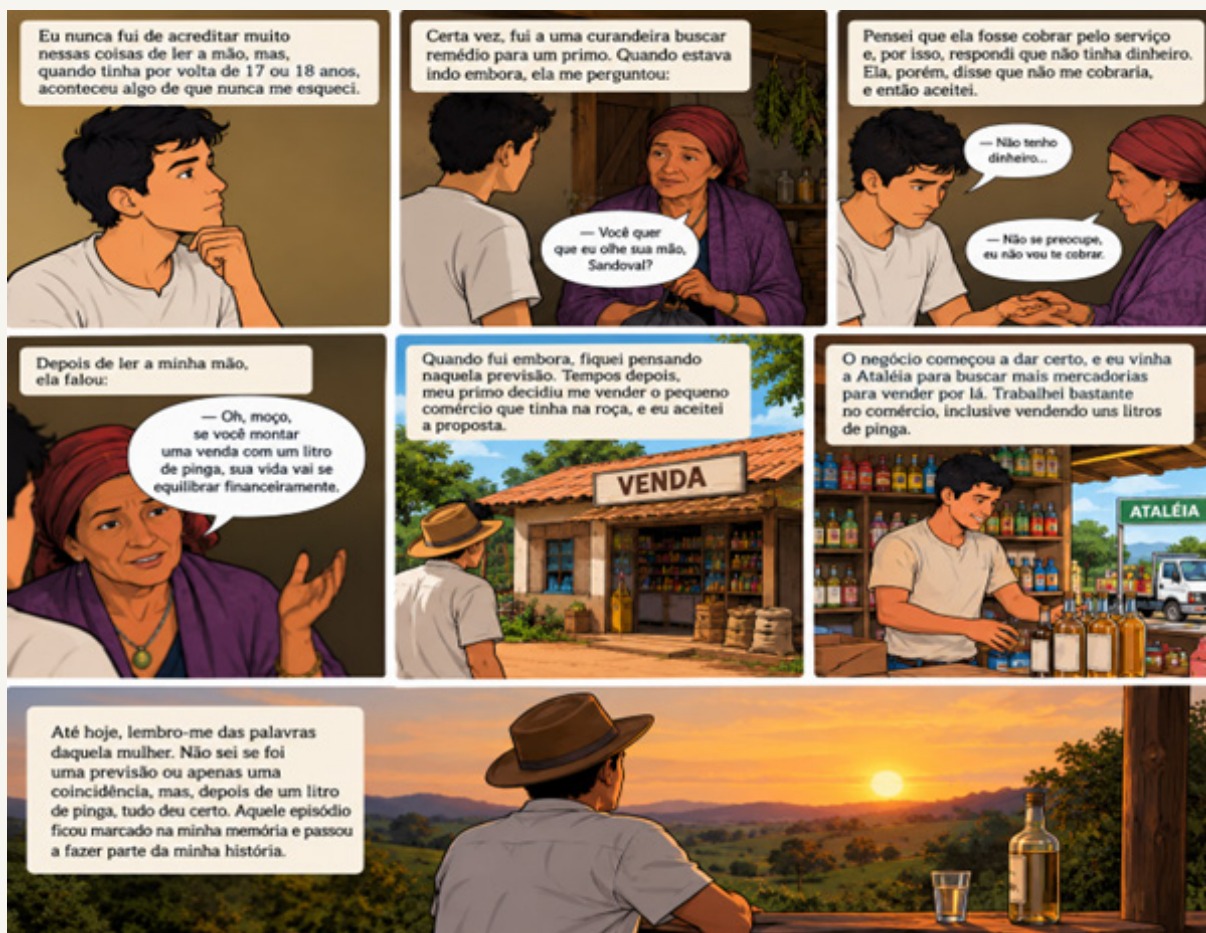
Pensei que ela fosse cobrar pelo serviço e, por isso, respondi que não tinha dinheiro. Ela, porém, disse que não me cobraria, e então aceitei.

Depois de ler a minha mão, ela falou:

— Oh, moço, se você montar uma venda com um litro de pinga, sua vida vai se equilibrar financeiramente.

Quando fui embora, fiquei pensando naquela previsão. Tempos depois, meu primo decidiu me vender o pequeno comércio que tinha na roça, e eu aceitei a proposta. O negócio começou a dar certo, e eu vinha a Ataléia para buscar mais mercadorias para vender por lá. Trabalhei bastante no comércio, inclusive vendendo uns litros de pinga.

Até hoje, lembro-me das palavras daquela mulher. Não sei se foi uma previsão ou apenas uma coincidência, mas, depois de um litro de pinga, tudo deu certo. Aquele episódio ficou marcado na minha memória e passou a fazer parte da minha história.





NOSSAS MEMÓRIAS

MARIA CELESTE BOTELHO CANTÃO

Por: José Antônio Rodrigues Botelho, Olavo César Almeida Cordeiro e Gabriel Batista Lima



Estação Passado: Maria Celeste toma posse como vereadora do município de Ataléia (MG).

Maria Celeste Botelho Cantão nasceu em 24 de março de 1955, em Ataléia, Minas Gerais. A história de vida é marcada pela dedicação à família, pelo amor à educação, pela fé em Deus e pela participação na comunidade. Ao longo dos anos, acompanhou as transformações do município e reuniu lembranças de uma época marcada por costumes simples, dificuldades cotidianas, laços familiares e relações de amizade.

As raízes familiares remontam a 1945, quando os pais, Hermelina Freitas Botelho e Heliodoro Freitas Botelho, vieram da Bahia, da região de Vitória da Conquista, para morar em Ataléia. O pai chegou ao município em busca de pedras preciosas, pois a região era conhecida pela possibilidade de encontrá-las. A mudança representa um capítulo importante da história da família e evidencia os vínculos construídos com a cidade ao longo das décadas.

Ao recordar a juventude, Maria Celeste relata que a vida em Ataléia era muito diferente da atual. As dificuldades faziam parte do cotidiano, e o acesso à energia elétrica era limitado. Ela se lembra de ter

conhecido a televisão e a eletricidade por volta dos 15 anos. Naquela época, a cidade contava com um locomóvel, que fornecia energia até as 22 horas, quando o serviço era interrompido.

A simplicidade também fazia parte da vida familiar. A antiga residência da família era humilde e contava com fogão a lenha, forno de barro e um porco criado no chiqueiro. A cada seis meses, o animal era abatido para ajudar nas despesas da casa. Apesar das dificuldades, Maria Celeste recorda essa época com carinho e saudade, pois os valores e costumes daquele tempo permaneceram vivos em sua memória.

Os espaços de convivência também ocupam um lugar especial nas lembranças de Maria Celeste. Entre eles, destaca o Areião, bastante frequentado pelos moradores, e o antigo Clube dos 60, onde aconteciam os bailes de carnaval e havia sessões de cinema. Nos fins de semana, esses lugares se transformavam em pontos de encontro, proporcionando diversão, amizades e momentos de confraternização entre as famílias da cidade.

A convivência familiar, por sua vez, representava uma parte essencial da vida de Maria Celeste. Ela recorda com carinho os almoços compartilhados em casa, as crianças reunidas, as comemorações em família e os momentos





Estação Presente: Maria Celeste Botelho Cantão.

o cargo de vereadora de Ataléia, durante a administração de João Batista, conhecido popularmente como João Buteco. Nesse período, participou da política municipal e teve a oportunidade de contribuir para a comunidade por meio da atuação no Poder Legislativo.

Ao refletir sobre o que torna Ataléia especial, Maria Celeste destaca a união entre os moradores. Segundo ela, a cidade é acolhedora, pois as pessoas se conhecem, cultivam amizades e procuram ajudar umas às outras. Esse espírito de solidariedade, aliado às lembranças familiares, às experiências profissionais e aos espaços de convivência, compõe o legado afetivo construído ao longo da vida.

em que todos iam juntos à igreja. Para ela, aquela época era marcada pela união, pela obediência e pelo respeito aos pais, valores que permanecem vivos na memória.

Aos 18 anos, Maria Celeste iniciou a carreira como professora, profissão que exerceu durante 29 anos, até se aposentar. Ao longo desse período, dedicou-se ao ensino e contribuiu para a formação de diversas pessoas, deixando marcas na comunidade por meio do compromisso com a educação. A trajetória profissional representa uma importante contribuição para o desenvolvimento social de Ataléia.

Aos 20 anos, casou-se com Antônio Cantão, com quem construiu uma família. Dessa união nasceram quatro filhos: Weberson Botelho Cantão, Pollyanna Botelho Cantão, Fábio Botelho Cantão e Fabrício Botelho Cantão. Com o passar dos anos, os filhos cresceram, casaram-se e seguiram os próprios caminhos. Atualmente viúva, Maria Celeste encontra nos filhos e nos netos fontes de alegria e carinho. Entre os descendentes, apenas uma filha continua morando na mesma cidade que ela.

A participação na vida pública também integra essa trajetória. Entre 2005 e 2008, Maria Celeste exerceu





NOSSAS MEMÓRIAS

A luz da memória

Em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, Ataléia, uma menina chamada Maria Celeste, nasceu e cresceu num tempo em que a vida seguia outro ritmo e as lembranças eram construídas com base no afeto e na simplicidade.

Naquela época, a energia elétrica ainda não chegava a todos os lares. Quando a noite caía, era preciso encontrar outras formas de iluminar as casas. As ruas ficavam escuras, e a cidade parecia adormecer aos poucos. Nesse contexto, Maria Celeste conheceu a televisão e os primeiros aparelhos elétricos, novidades que despertavam a atenção e encantavam os moradores.

Naquele período, a energia era fornecida por um locomóvel e funcionava somente até as dez horas da noite. Quando chegava a hora de desligá-lo, as luzes se apagavam, e Ataléia mergulhava no silêncio e na escuridão. Mas nem mesmo a falta de luz era capaz de apagar o brilho daqueles dias, que permaneceram vivos na memória de quem os viveu.

Ao recordar a infância e a juventude, Maria Celeste não sente tristeza, mas uma saudade carregada de ternura. Ela se lembra do fogão a lenha, do forno de barro e dos porcos no chiqueiro. Essas imagens de uma vida simples guardam detalhes da história e das memórias de sua família.

Também lhe vêm à memória as festas semanais, as noites de seresta e os quatro bailes realizados no clube, sempre marcados pela animação. Eram momentos em que as pessoas se encontravam, conversavam, dançavam e compartilhavam alegrias. Mais do que festas, eram oportunidades de encontrar os amigos, aproximar famílias e criar lembranças que o tempo jamais conseguiria apagar.

Havia na cidade o Clube dos 60, local onde aconteceu importantes eventos, carnavais animados e sessões de cinema. Aquele espaço representava muito mais do que um lugar de encontros, vai além e, hoje, guarda histórias, sentimentos e recordações de uma cidade que crescia sem perder o calor humano de sua gente.

Mas o tempo, silencioso e inevitável, continuou seu caminho.

E o tempo passou, Maria Celeste tornou-se professora e dedicou 29 anos de sua vida à educação. Casou-se, construiu sua família, criou os filhos e, mais tarde, recebeu um dos presentes mais especiais da vida: a alegria de ser avó.

Mais tarde, os filhos cresceram e cada um seguiu seu próprio caminho. A vida mudou, mas as lembranças dos momentos compartilhados continuaram presentes em seu coração. Hoje, ao olhar para trás, Maria Celeste revisita com saudade os tempos antigos, as festas, os amigos e os momentos vividos com a família. Ao comparar o passado com o presente, percebe que muita coisa mudou, principalmente com a chegada da energia elétrica e das novas tecnologias.

Enfim, Ataléia mudou. As casas ganharam novas formas de iluminação, os aparelhos elétricos se tornaram parte da rotina e a cidade seguiu em frente. Mas há coisas que nem o progresso, nem a distância, nem os anos conseguem apagar. Porque a verdadeira luz não está apenas nas lâmpadas que iluminam as casas, mas nos afetos que aquecem os corações, nos encontros que deixam saudade e nas histórias que continuam sendo contadas.

Sendo assim, a história de Maria Celeste nos mostra que a verdadeira luz não vem apenas da energia elétrica, mas também das lembranças que guardamos e das pessoas que fazem parte da nossa vida. Afinal, o tempo pode passar e as cidades podem mudar, mas os momentos especiais continuam iluminando nossa memória.





NOSSAS MEMÓRIAS

FLORACI RODRIGUES DA FONSECA

Por: Greicylene Gomes de Oliveira, Jady Sofia Cacique de Souza e Rebecca Lima Contão



Estação Passado: Floraci afere a pressão arterial de um homem sentado à mesa amarela, em primeiro plano na fotografia.



Estação Presente: Floraci Fonseca.

Floraci Rodrigues da Fonseca nasceu em 20 de dezembro de 1947, na zona rural, nas proximidades de Ataléia. O nome Floraci remete à palavra “flora”, relacionada às flores. Ela é filha de Sebastião Rodrigues da Fonseca e Maria Gomes Paixão.

A infância foi marcada pelos estudos, pelas amizades e pelas festas juninas. A vida escolar era difícil, pois a escola ficava longe de casa e, naquela época, os professores costumavam bater na palma da mão dos alunos como forma de advertência.

Desde cedo, Floraci aprendeu o valor do trabalho. A primeira atividade profissional foi na roça, onde ajudava o pai a capinar o mato. Essa experiência ensinou-lhe a importância do trabalho, da colaboração com os pais e da perseverança diante das dificuldades da vida.

Em 18 de janeiro de 1963, Floraci se casou com Edvaldo Soares de Andrade. Juntos, construíram uma família com cinco filhos: três meninas e dois meninos. Ela sente muito orgulho da família que formou ao lado do esposo.

Floraci viveu tanto na roça quanto em Ataléia. Mais tarde, ela e o marido decidiram deixar a vida no campo e se mudar para a cidade, pois já estavam mais velhos. Ao longo da trajetória, Floraci também concluiu os estudos e trabalhou como agente comunitária de saúde, contribuindo para o cuidado e o bem-estar das pessoas.

A história de Floraci é marcada pela luta, pelo trabalho, pela dedicação à família e pela superação das dificuldades. Ela é um exemplo de força e perseverança, e o caminho que percorreu merece ser valorizado e preservado na memória da comunidade.





NOSSAS MEMÓRIAS

Florescer

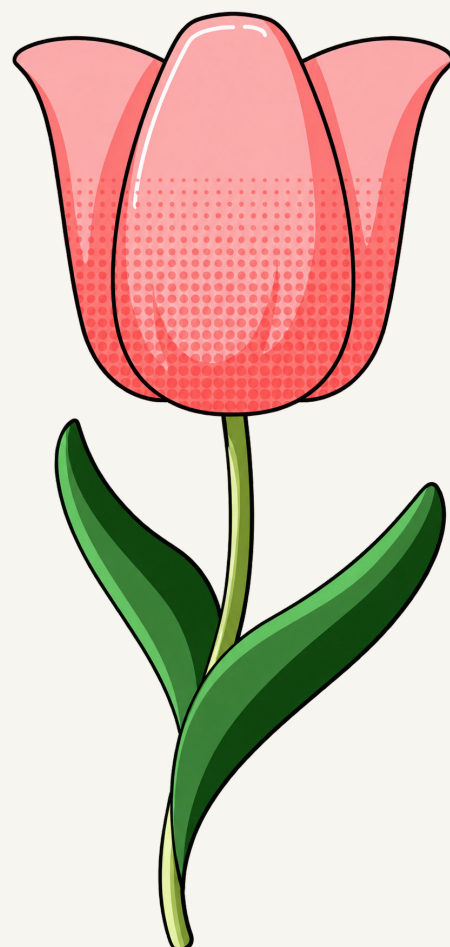
As memórias da Flor
São histórias de emoção,
Que merecem ser guardadas
Dentro do nosso coração.

Na infância, foi trabalhar,
Mas não deixou de sonhar.
Com coragem e esperança,
Fez seus sonhos florescer e brotar.

Depois de cinquenta anos,
Voltou a estudar com alegria.
Provou que nunca é tarde
Para florescer na vida.

Sua história é uma semente
De coragem e superação,
Que floresceu com o tempo
E hoje inspira cada geração.

Que suas memórias floresçam
Como flores pelo caminho,
Preservando sua história,
Seu legado e seu carinho.





NOSSAS MEMÓRIAS

ILDA SANTANA DE ARAÚJO

Por: Isabela Alves Martins e Maria Eduarda Rodrigues Moreira



Estação Presente: Ilda Araújo

Ilda Santana de Araújo, conhecida como Tuga, nasceu em 15 de abril de 1940, em Ataléia, Minas Gerais, e atualmente tem 86 anos. É filha de Otávio Amanso de Araújo e Conceição Rodrigues Santana de Araújo. Tem três irmãos, chamados Antônio, José e João de Deus, duas irmãs chamadas Antônia e uma irmã por parte de mãe, chamada Maria. Ilda teve oito filhos, todos homens.

Quando era pequena, gostava muito de brincar de bola, peteca, bolinha de gude, queimada e boneca. Sua mãe fazia bonecas para ela e, conforme foi crescendo, ensinou-a a confeccionar suas próprias bonecas. Assim, Ilda também aprendeu a costurar.

Ao longo da juventude, Ilda também trabalhou no preparo do milho, colocando-o no pilão e batendo-o até separar os grãos do sabugo. Esse milho era utilizado pelas merendeiras da escola no preparo da canjica para os alunos. Ela também trabalhou na limpeza de casas, na venda de verduras e com costura durante muito tempo.

Depois que teve seus filhos, Ilda voltou a estudar e frequentou a escola por cerca de um ano. No entanto, decidiu interromper os estudos porque sentiu que não estava aprendendo o suficiente.

Atualmente, Ilda continua trabalhando na feira, onde vende verduras, toalhas e panos de prato. Aos sábados, acorda por volta das três e meia da manhã e paga um carro para chegar até o local. Ela também mantém uma mercearia em casa, onde vende outros produtos.

Ao longo da vida, Ilda passou por muitas experiências, aprendeu diferentes coisas e continua trabalhando. Sua história é marcada pelas lembranças da infância, pela dedicação ao trabalho e por tudo o que viveu ao longo dos anos.





NOSSAS MEMÓRIAS

A sabedoria além dos livros

Uma jovem estava em casa quando surgiu uma dúvida. Então, resolveu pedir ajuda à avó, que lhe respondeu:

— Agora não posso, estou ocupada.

— Mas é rapidinho, vó!

— Quando sua mãe chegar, ela te ajuda.

Então, sua mãe chegou e ajudou a menina.

Algum tempo depois, ela precisou de ajuda novamente para fazer uma atividade escolar e procurou a avó.

— Vó, a senhora pode me ajudar a fazer uma atividade, por favor?

— Agora não posso, estou lavando roupa.

— Está bem, vó.

Mais tarde, a menina voltou a conversar com a avó:

— Ô, vó, posso lhe fazer uma pergunta?

— Mas é claro, filha!

— Vó, por que, toda vez que lhe peço ajuda, a senhora diz que está ocupada?

— Ô, minha filha... Não sei se você sabe, mas eu nunca estudei. Tive aula uma vez, quando fui à escola, mas não aprendi nada. Então, resolvi sair. E, também, eu precisava trabalhar para ajudar com as despesas de casa. Ah, minha filha...

— Desculpa, vó, eu não sabia. Mas, vó, como a senhora não estudou e sabe tantas coisas?

— É porque nem tudo o que sabemos aprendemos na escola. A escola ensina muitas coisas, mas a vida também ensina.

— Ah, vó, faz todo o sentido! Acho que ainda tenho muito a aprender com a senhora.

— Comigo, não. Com a vida.

Então, a menina abraçou a avó. As duas ficaram ali, sorrindo, enquanto a avó dizia:

— Nunca se esqueça, filha: nem tudo o que sabemos aprendemos na escola. Nela, aprendemos o essencial, mas não aprendemos tudo o que a vida tem para nos ensinar.

Naquele momento, a menina percebeu que o conhecimento também se adquire com as experiências da vida.





NOSSAS MEMÓRIAS

EDNÓLIA SILVA MACHADO

Por: Gabriela Vieira Oliveira, Luyára Silva Guimarães e Maria Clara Esteves Batista



Estação Passado: Ednólia ao lado de seu amigo Temístocles, dentista em Diamantina.

Ednólia Silva Machado, aos 85 anos, reúne uma trajetória marcada por amizades, sonhos, amores e ensinamentos que atravessaram gerações. As lembranças revelam a simplicidade de outros tempos, quando as pequenas experiências do cotidiano se transformavam em momentos inesquecíveis.

Moradora da mesma rua desde a infância, cresceu em uma casa simples, cercada de afeto. Entre as recordações mais queridas estão as brincadeiras ao lado de Adelma, a melhor amiga, considerada uma irmã. Juntas, divertiam-se nos pés de goiaba dos vizinhos e preparavam comidinhas em fogões improvisados com tijolos. Embora a comida ficasse com gosto de fumaça, a diversão tornava tudo especial. Ednólia também recorda, entre risos, o desagrado que sentia ao ser obrigada a usar uma fantasia de palhaço durante o carnaval.

Naquela época, as cartas eram o principal meio de comunicação com quem morava longe, e a espera por notícias fazia parte da rotina. Em casa, os pais ensinaram valores que levaria por toda a vida, como a honestidade e o respeito aos mais velhos e aos professores. Na juventude, viveu novas aventuras, entre elas os banhos no Rio Norte e os encontros no antigo Clube dos 60, espaço de diversão e convivência entre os jovens de Ataléia.

Foi nesse clube que viveu momentos marcantes e conheceu pessoas especiais. Em uma época de costumes rigorosos, os romances aconteciam discretamente, e pequenos gestos de carinho adquiriam grande significado. Entre as lembranças amorosas, destaca a história de um rapaz vindo de Teófilo Otoni, com quem namorou às escondidas. Quando ele precisou retornar à cidade de origem, Ednólia decidiu não manter o relacionamento à distância. Anos depois, reconheceu que se arrependeu de não ter lutado por aquele amor.

Se pudesse voltar ao passado por um dia, escolheria reviver a época em que o Clube dos 60 estava em plena atividade. Ao aconselhar a menina que foi um dia, diria que estudasse, respeitasse as pessoas e lutasse com mais determinação pelos próprios sonhos. Um deles era tornar-se cantora, profissão que gostaria de ter seguido. Se a





Estação Presente: Ednólia ao lado da estudante Gabriela Vieira, durante a entrevista.

vida fosse um livro, o título seria Amar e ser amada, expressão que traduz a importância dos sentimentos na trajetória da homenageada.

A hospitalidade também se tornou uma marca de Ednólia. A casa sempre recebeu amigos e visitantes, e a calçada acabou transformada em ponto de encontro. Assim surgiu o nome “Calçada da Nolinha”, quando Blandson, um vizinho, começou a visitá-la para conversar. Aos poucos, outras pessoas se juntaram, e o local se tornou cenário de conversas e risadas. Desde 2015, quando Blandson se mudou para os Estados Unidos, ele mantém um grupo para acompanhar os encontros, preservando o vínculo com aquele espaço mesmo à distância.

Aos 85 anos, Ednólia Silva Machado preserva muito mais do que recordações pessoais. A história reúne costumes, experiências, sonhos e sentimentos que ajudam a compreender a vida em outros tempos. Entre brincadeiras de infância, amores, arrependimentos e conversas na calçada, as memórias compõem um retrato afetivo da comunidade de Ataléia.

NOSSAS MEMÓRIAS

Amar e Ser Amada

Amar e ser amada
É um sentimento profundo,
Que floresceu tantas vezes
Neste cantinho do mundo.

Uma casinha singela,
Repleta de simplicidade,
Onde os abraços e os risos
Transformem tudo em felicidade.

Portas abertas, café e prosa,
Gente chegando sem avisar,
Acolhimento em cada sorriso,
Um bom motivo para ficar.

Foi assim que a calçada
Ganhou fama e tradição:
A Calçada da Nolinha,
Ponto de encontro e união.

Blandson chegava para conversar,
E outros vinham se achar;
Entre histórias, risos e lembranças,
As horas pareciam voar.

A calçada virou abrigo
De amizade e comunhão,
Onde cada conversa deixava
Um carinho no coração.

Assim, entre amigos e histórias,
A vida revela uma verdade:
Amar é abrir as portas do coração,
E colher o carinho de uma sincera
amizade.





NOSSAS MEMÓRIAS

JOÃO BATISTA DA SILVA

Por: Ana Luísa Vieira Oliveira, Ana Júlia Santa Cruz Lima, Pedro Batista Pereira e Samuel Lucas Santos Pessoa



Estação Passado: João Batista da Silva

João Batista da Silva, conhecido popularmente como João Buteco, nasceu em 23 de junho de 1941, em Ataléia, Minas Gerais. Filho de Josefina Moreira Bonfim e Olímpio José da Silva, ambos falecidos, cresceu na zona rural, onde aprendeu desde cedo o valor do trabalho e da perseverança.

O apelido Buteco surgiu de uma característica física que chamava a atenção desde o nascimento: os grandes olhos azuis, popularmente conhecidos como olhos “butecados”. O nome o acompanhou por toda a vida e se tornou sua marca entre os moradores da região.

Durante a infância, João viveu na roça com a família, cujas raízes estavam no Salineiro. Gostava de brincar de carrinho de mão, jogar bola com os colegas e ouvir histórias dos amigos. Também guardou boas recordações da escola e da professora Dona Geralda. Para estudar, caminhava a pé, como era comum entre as crianças da zona rural.

Aos dez anos, começou a trabalhar e, ao longo da vida, exerceu diferentes profissões, entre elas sapateiro e alfaiate. Ao recordar essa trajetória,

destacou: “Naquele tempo, eu trabalhava quase de graça. Tive vários trabalhos, fui sapateiro, alfaiate, prefeito e outros, mas hoje sou fazendeiro”.

Mesmo sem frequentar uma faculdade, João adquiriu conhecimentos por meio das experiências e do trabalho. Com o passar dos anos, realizou o sonho de se tornar fazendeiro, mantendo a ligação com a vida no campo, que marcou sua infância.

João também construiu uma família ao lado de Arlete Alves da Silva, com quem teve quatro filhos: Olímpio Igor da Silva, Luciana Silva Schifner, Andreia Alves Laender e Danilo Alves da Silva. A família representa uma parte importante de sua história e a continuidade de seus valores e lembranças.

Em determinado período, morou em Teófilo Otoni, experiência que lhe proporcionou contato com uma realidade diferente daquela da roça. O tamanho da cidade, a presença de telefones e outras novidades despertaram sua curiosidade e ampliaram seus horizontes.





Estação Presente: João Batista da Silva, mais conhecido como João Buteco.

A trajetória de João Buteco reúne lembranças da infância, experiências profissionais, conquistas e vínculos familiares. Essa história revela a importância do trabalho, da perseverança e das raízes rurais na formação de sua identidade.

NOSSAS MEMÓRIAS

Cordel do Buteco

No interior de Ataléia,
Num dia de São João,
Vinte e três de junho,
Data guardada no coração,
Nasceu João Batista da Silva,
Com história de tradição.

Era o ano de quarenta e um,
Que o tempo não apagou,
Filho de Josefina Bonfim
E Olímpio, que o criou.
Na simplicidade da roça,
Muita lição ele aprendeu
E, entre o suor e a esperança,
Seu destino floresceu.

Desde cedo, seus olhos azuis
Despertavam atenção,
Grandes, vivos e marcantes,
Chamavam a admiração.
Olhos “butecados”, diziam,
Naquela antiga expressão;
E assim nasceu o apelido
Que virou sua identificação.

João Buteco ficou conhecido,
Nome fácil de guardar,
Que atravessou muitos anos
E ainda se faz lembrar.
Pois há nomes que o tempo leva,
Mas outros vêm para ficar,
Grudados na própria história
De quem nasceu para marcar.





Aos dez anos de idade,
Começou a trabalhar;
Enquanto outros só brincavam,
Ele já sabia lutar.
Ganhava pouco dinheiro,
Mas não deixava de aprender,
Pois cada ofício da vida
Ensinava a crescer.

Na roça criou raízes,
Fez do campo seu lugar,
Pois quem cresce junto à terra
Aprende a lutar e plantar.
E o menino do carrinho
Que gostava de brincar
Tornou-se homem de trabalho,
Com uma história para contar.

Ao lado de Arlete, sua amada,
Uma bela família formou,
Quatro filhos dessa união,
Com carinho e amor criou.
Olímpio Igor, Luciana,
Andreia e Danilo também,
Quatro frutos dessa união,
Seus tesouros, seu maior bem.

A família é um tesouro
Que não se compra com dinheiro,
É abraço que permanece,
É amor verdadeiro.
São lembranças que atravessam
O tempo por inteiro,
São raízes que florescem
Mesmo longe do canteiro.

Hoje, ao contar sua história,
Há memórias para guardar:
Os trabalhos, os caminhos,
A família e o lugar.
Pois um povo sem memória
Não conhece o próprio chão,
E os relatos de sua gente
São riquezas da nação.

João Batista da Silva,
Nosso querido João Buteco,
Tem história de trabalho,
De coragem e afeto.
Sua vida é um testemunho
De um passado tão concreto.

O tempo passa ligeiro,
Muda a paisagem e o chão,
Mas não apaga as histórias
Que moram no coração.
João Buteco segue vivo
Na memória de Ataléia,
Como um verso que atravessa
Cada curva e cada aldeia.

E assim termina este cordel,
Mas não termina a lembrança,
Pois quem deixa boas histórias
Planta sementes de esperança.
E a memória de João Buteco
Segue viva entre gerações,
Nas raízes de sua família
E nas páginas das recordações.





NOSSAS MEMÓRIAS

IVANETE ALMEIDA DE OLIVEIRA

Por: Ana Beatriz Matos, Rafaela Simões, Tainá Gomes, Gabriel Lizardo, João Miguel Pinheiro e Lucas Jardim.



Estação Passado: Ivanete Almeida



Estação Presente: Ivanete Almeida

Ivanete Almeida de Oliveira tem 74 anos e é uma mulher de raízes profundas em Ataléia-MG. Filha de José Batista de Almeida, conhecido carinhosamente como Marambaia, e de Deijamira de Souza Almeida, nasceu no dia 1º de fevereiro de 1952, em Ataléia, Minas Gerais, onde é radicada até hoje. É casada oficialmente desde 1991, mãe de uma filha, Auana Luana, que também é casada, e avó orgulhosa de dois netos, Samuel e Cauan. Vinda de uma família grande, tem oito irmãos.

A vida escolar de Ivanete começou cedo. Estudou no Grupo Escolar Doutor Antônio Olinto, onde concluiu o ensino fundamental, anos iniciais, ainda aos nove anos de idade. Naquela época, para poder entrar no ginásio, era preciso passar por um vestibular simples de livro (compêndio), que era como um vestibular hoje em dia. Ela passou e seguiu seus estudos no Ginásio Municipal Três de Março, instituição fundada por Cristalino Ferreira de Matos junto ao senhor Antônio Pereira de Almeida. Mais tarde, concluiu o segundo grau na Escola Estadual Alnéda de Matos Machado e prestou vestibular na FADITO, onde se formou em Estudos Sociais.

Ivanete conta que se tornou professora não exatamente por escolha, mas por opção de vida. Seus sonhos de menina eram outros: queria ser jogadora de vôlei ou jornalista. Mas, sem condições e oportunidades na época, o caminho que se abriu foi o magistério, e ela o abraçou com toda a dedicação possível. Seu lema sempre foi “ensinar e aprender”.

Sua trajetória como educadora passou por vários lugares. Começou a lecionar na Escola Estadual Clemente Esteves Ferraz, depois foi para a escola de São José do Divino-MG, perto de Nova Módica-MG. Por solidariedade a uma colega, veio para a Escola Estadual Hermínia Pereira de Almeida. Tempos depois, pediu transferência para Belo Horizonte-MG, onde encerrou sua carreira e se aposentou no Instituto de Educação de Minas Gerais, o IEMG.

Hoje, aos 74 anos, Ivanete está de volta às suas raízes, morando em Ataléia-MG. Depois de uma vida inteira dedicada a ensinar, ela vive tranquilamente na terra onde nasceu, cercada pela história que ela mesma ajudou a construir.





NOSSAS MEMÓRIAS

Os passos rebeldes de Ivanete: o tempo ritmado pelo Clube 60

Há uma ansiedade miúda que só quem viveu os anos dourados de Ataléia sabe descrever. Não aquela pressa moderna que rói o peito por prazos e telas, mas a deliciosa agonia de ver o relógio caminhar lento até a hora de se arrumar. Para a juventude daquela época, o compasso de todos os eventos sociais e socioculturais do município convergia para um único endereço na Rua Governador Valadares, bem no coração da cidade.

Quem passa por ali hoje talvez não imagine que o nome do verdadeiro point do momento guardava uma matemática precisa de bastidores: a instituição nasceu do esforço exato de 60 sócios fundadores. Entre aquelas paredes, funcionava também o antigo cinema da cidade, tido por todos como o melhor lugar da região. Numa era sem a tecnologia digital do presente, a magia acontecia de forma analógica, quando a luz cortava a sala escura, projetada por equipamentos acionados a motor.

Aos olhos de Ivanete Marambaia — chamada carinhosamente de Nete —, o clube desafiava as regras rígidas do cotidiano. Quem a ouve relatar as memórias colhidas com carinho pelas jovens mentes do presente percebe que a juventude de sua época tinha uma forma muito própria de rebeldia, expressa com força no vestuário. Pelos salões, o contraste geracional desenhava a moda: enquanto os adultos mantinham a sobriedade de trajes formais e comportados, as jovens desafiavam o status quo com suas saias e blusas curtas e joviais.

Mas nenhuma audácia “vestmentária” superou o lendário carnaval de 1980. Ao som de marchinhas tradicionais misturadas aos sucessos de Roberto Carlos e da MPB, Ivanete decidiu peitar os padrinhos locais. Sob a forte pressão de seus pais e de toda a família para que trocasse de fantasia, ela manteve os pés firmes e recusou-se a ceder: pulou o carnaval de biquíni, movida pelo mais puro e legítimo espírito de liberdade da juventude.

Essa coragem de transformar a realidade não ficava restrita às pistas de dança. Ivanete carregava o desejo inquieto de mudar o mundo. Para ingressar no antigo ginásio — atual Escola Clemente —, enfrentou e venceu um rigoroso exame de seleção. Aos 16 anos, com o espírito repleto de aventura, viajou sozinha para São Paulo, arriscando-se na busca do sonho de se tornar jogadora profissional de vôlei.

Quando a política e as injustiças locais bateram à porta da escola, ela não se escondeu. Diante da insatisfação estudantil com a troca da direção escolar, envolvendo o vereador Sr. Antônio Pereira, Ivanete articulou e liderou os estudantes em um protesto histórico. O ponto de encontro escolhido para lançar o grito de guerra não poderia ser outro senão a fachada do próprio Clube dos 60. Dali ecoou pelas ruas o clamor firme: “Queremos Tongo Menezes, nosso diretor! Outro não queremos!”.

O tempo passou, os ecos das manifestações deram lugar à solidez de uma vida dedicada aos outros. Ivanete transformou sua paixão pela mudança em profissão e tornou-se uma querida professora aposentada de Estudos Sociais. Entre as lembranças mais bonitas e marcantes que guarda no peito está sua vibrante participação na Mostra de Arte, organizada diretamente pela comunidade, com a orientação da professora Alnêda de Matos Machado.

Ao olhar para trás, a professora Ivanete não carrega nenhum arrependimento; sente, ao contrário, um orgulho imenso de tudo o que viveu e da contribuição inestimável que prestou à educação de Ataléia. O antigo cinema pode ter silenciado seus motores, mas a lavratura daquela data, 30 de setembro de 2026, cumpre com louvor o seu papel: selar e documentar a memória histórica e cultural da cidade. Pelas mãos e pela redação da própria Ivanete, o passado foi eternizado no papel, garantindo que as chamadas daquela juventude rebelde continuem iluminando o caminho das próximas gerações.





NOSSAS MEMÓRIAS

NÁDIA LÚCIA SALOMÃO ALMEIDA

Por: Maria Vitória Varmes e Sofia Fernanda Batista



Estação Passado: Nádía Salomão



Estação Presente: Nádía Salomão

Nádía Lúcia Salomão Almeida nasceu em Ataléia, no dia 28 de novembro de 1952. Seu pai era Nacip Antônio Salomão, e sua mãe, Hermínia de Souza Pinheiro. Ambos eram trabalhadores rurais e pequenos sitiantes.

Durante a infância, Nádía não trabalhou, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Seu primeiro emprego foi aos 17 anos, na portaria do Ginásio Estadual de Ataléia. Nos momentos livres, também ficava encarregada de recolher os pontos de presença, uma lista na qual os professores assinavam para registrar sua frequência. Recebia por esse serviço separadamente, pois não tinha um vínculo fixo de trabalho em razão da idade. Após trabalhar na portaria, começou a trabalhar no Sindicato Rural de Ataléia, onde realizava cadastros de fazendeiros.

Nádía se casou aos 24 anos, em 24 de fevereiro de 1979, com Ivan de Souza Almeida, que trabalhava como motorista de ônibus. Posteriormente, dedicou 30 anos de sua vida ao magistério, atuando como professora de alfabetização na Escola Doutor Antônio Olinto.

Nádía teve três filhos. O primeiro, Isnaldo Salomão Almeida, nasceu em 11 de setembro de 1981 e trabalha como carreteiro. A segunda filha, Ivana Salomão Almeida, nasceu em 15 de março de 1985. A terceira, Isabella Salomão Almeida, nasceu em 23 de junho de 1992. Seguindo os passos da mãe, Ivana e Isabella também se tornaram professoras. Nádía ainda tem quatro netos: Juan Matheus, Davi Miguel, Laisa e Pietro.

Durante um ano e cinco meses, Dona Nádía cuidou de seu marido enquanto ele enfrentava problemas de saúde, contando com o apoio dos filhos e dos hospitais de Ataléia e Teófilo Otoni. Infelizmente, Ivan faleceu em 8 de agosto de 2020, aos 72 anos.

Atualmente, Dona Nádía está aposentada e aproveita essa fase da vida para descansar e desfrutar da companhia de sua família. Sua trajetória é marcada pela dedicação ao trabalho, pelo compromisso com a educação e pelo carinho dedicado aos familiares.





NOSSAS MEMÓRIAS

Tesouros da vida

Uma mulher sensacional,
Cheia de afeto e alto astral.
Com seu jeito doce, sincero e natural,
Tem um brilho sem igual!

Fomos à sua casa, perto do Clube 60,
Para escutar histórias que esse lugar apresenta.
Tantas lembranças, vividas com emoção,
Que agora, acham abrigo no coração.
Hoje, o Clube está abandonado,
Mas seu passado jamais será apagado.

Nádia Lúcia nos conquista só no olhar,
Com seu jeito hospitaleiro de cuidar.
Zelou pelo marido, e pelos filhos também,
E os netos, entende como ninguém.

Professora, exemplo na educação,
Atualmente, se tornou inspiração.
Seu legado floresce por onde ela for,
Feito de esperança, respeito e amor.

Que o tempo preserve, em cada recordação,
Seu sorriso, sua força e seu grande coração.





NOSSAS MEMÓRIAS

LUCIANO PESSOA DE ANDRADE LIRA

Por: Sofia Sampaio Moisés, Mariah Santos Oliveira e Rauany Vitória Costa de Oliveira



Estação Passado: Luciano Lira é o segundo da direita para a esquerda.



Estação Presente: Luciano Lira está ao centro da fotografia, acompanhado pelas estudantes Mariah Santos Oliveira, à sua esquerda, e Sofia Sampaio Moisés, à sua direita.

Luciano Pessoa de Andrade Lira, filho de Josué Barbosa de Andrade Lira e Otacília Pessoa de Andrade Lira, nasceu em 15 de maio de 1944, na Paraíba. Aos 82 anos, é casado há 59 anos com Avelina Cabral de Andrade Lira, com quem teve seis filhos: Luzanir, Luciana, Leiliane, Barôncio Neto, Fabrícia e Josué Neto. Embora não tenha nascido em Ataléia, considera-se filho dessa cidade.

Luciano veio da Paraíba para Frei Inocência/MG com a esposa, em busca de maior proximidade com suas famílias. Como já trabalhava na produção de queijos e requeijão, soube, por meio do tio de Avelina, da existência de um pequeno laticínio em Novo Horizonte, distrito de Ataléia. Interessado na oportunidade, decidiu comprá-lo e iniciou sua trajetória empresarial na região.

Em 1970, começou a trabalhar no laticínio com a esposa. Com o crescimento da atividade, percebeu a necessidade de ampliar o negócio. Assim, comprou um terreno em Ataléia e, em 1973, iniciou a construção do Laticínio Lira, que se tornou parte importante de sua história no município.

Em 1992, Luciano candidatou-se a prefeito de Ataléia, foi eleito e tomou posse em 1993. Durante sua gestão, enfrentou diversas dificuldades, mas, com sabedoria, dedicação, inteligência e fé em Deus, conseguiu superar os desafios. Em 2000, voltou a disputar as eleições e foi eleito para seu segundo mandato.

Atualmente, Luciano acompanha a continuidade de seu empreendimento, que está sob a liderança de seus filhos Barôncio Neto e Josué Neto. Ao olhar para essa trajetória, expressa gratidão a Deus e aos filhos, reconhecendo neles a inteligência e a visão empresarial necessárias para dar continuidade ao legado que construiu.





NOSSAS MEMÓRIAS

Onde tudo começou: Luciano Lira e os laticínios



Tudo começou lá no Nordeste,
com coragem e disposição.
Luciano deu seus primeiros passos
no mundo da produção.

Com um pequeno laticínio,
começou sua caminhada.
Sem imaginar que aquela história
teria uma grande jornada.

Ao lado da esposa, Avelina,
companheira de vida e de estrada,
Luciano encontrou forças
para seguir sua caminhada.

E quando o sogro foi para Minas,
novos planos começaram a surgir.
Novas terras, novas oportunidades
e tantos sonhos para construir.

Em um novo horizonte,
uma pequena propriedade encontraram,
e com muito esforço e esperança,
novos capítulos começaram.

O tempo passou, o empreendimento cresceu,
novos caminhos se abriram,
e os frutos de tanta luta
muitas famílias atingiram.

Nasceu uma grande história
que Ataléia aprendeu a admirar!
O Atalat, hoje tão importante,
com tantos empregos a gerar.

Luciano nos ensina, com sua história,
que ninguém precisa começar grande para vencer.
Basta ter coragem para dar o primeiro passo
e força para não esmorecer.





RELATO

3. MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

Por: Davi Matos Cardoso

Alciony de Almeida Rebouças Santos, aos 72 anos, guarda muitas lembranças da trajetória como professora em Ataléia. Ao recordar o passado, ela se lembra de uma cidade menor, mas muito animada, na qual as escolas promoviam festas e atividades que envolviam os alunos e a comunidade. As comemorações eram momentos especiais, e os moradores participavam com entusiasmo.

A história de Alciony na educação começou em 1974, quando estudava à noite e lecionava à tarde, na mesma escola onde havia cursado da 1ª à 4ª série, experiência da qual se recorda com grande prazer. Além de se dedicar ao ensino e aos estudos, Alciony também trabalhava no Órgão Municipal de Educação da Prefeitura. Naquela época, conciliava o trabalho durante o dia com os estudos à noite. Mesmo com uma rotina intensa, procurava realizar as atividades com dedicação e entusiasmo. Gostava de ensinar e acreditava que a aprendizagem poderia acontecer em muitos lugares, não apenas dentro da sala de aula. Essa maneira de pensar se refletia nas atividades que desenvolvia com os estudantes.

Em uma dessas experiências, levou os alunos ao Poterrão para conhecer as pedras e observar a natureza. Como naquela época não havia ônibus escolar, o passeio foi realizado em um caminhão. Nessa viagem, a professora levou um panelão de feijão tropeiro para que todos pudessem comer durante a atividade. A experiência ficou marcada como uma oportunidade de convivência e aprendizagem fora do ambiente escolar.

Em outra ocasião, ao trabalhar o conteúdo sobre erosão, Alciony levou os alunos até um morro da cidade para que observassem as valetas abertas no solo após uma grande enchente em Ataléia. Em vez de estudar o assunto somente nos livros, os estudantes puderam observar as marcas deixadas pela enxurrada e compreender melhor como a água pode transformar a paisagem.

Entre as lembranças mais marcantes da trajetória de Alciony está o projeto do Bumba-meu-boi, idealizado durante o período em que trabalhava o folclore com as crianças. A apresentação envolvia a caracterização dos participantes e chamava a atenção das pessoas pelas ruas. No início, algumas crianças sentiam medo e chegavam a chorar ao encontrar o boi e a personagem Margarida, interpretada pela professora.

Alciony conta que usava uma peruca, pintava um dos dentes de preto e pintava o rosto e os braços da mesma cor. Também vestia um vestido longo, estampado e bastante colorido. Enquanto isso, a comunidade acompanhava a apresentação com muita euforia, cantando ao som da sanfona, do pandeiro e do triângulo. A professora relembra que o momento mais divertido era a divisão do boi, cujas partes recebiam nomes bem engraçados e provocavam muitas gargalhadas. “Sempre alguém me perguntava qual seria a próxima festa do Bumba-meu-boi” e “quem era aquela negra do folclore”, relatou a entrevistada.

O projeto fez tanto sucesso que Alciony passou a ser convidada para apresentar o Bumba-meu-boi em outros lugares. Em uma dessas ocasiões, foi a Teófilo Otoni, onde realizou uma apresentação na Escola Maria Amália. Também recebeu diversos convites para levar esse belo projeto a outras escolas da cidade, às unidades escolares dos distritos e até ao parque de vaquejada que existia em Ataléia naquela época, onde eram realizadas muitas festas de



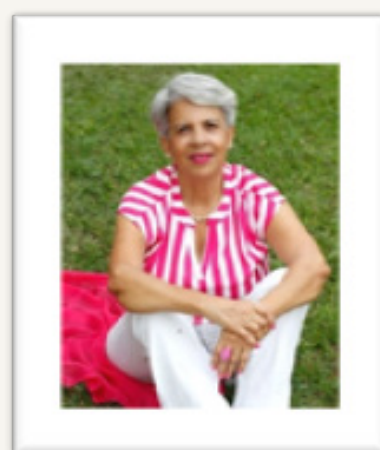


grande sucesso. Segundo ela, tudo era muito alegre e divertido. A experiência tornou-se uma das recordações mais especiais da vida profissional de Alciony e permanece registrada nas fotografias que guarda com carinho.

Além das atividades pedagógicas e culturais, Alciony também participou da vida política do município. Ela se candidatou a vereadora, foi eleita e, posteriormente, deixou o trabalho no Órgão Municipal de Educação. Essa experiência representou outra etapa da trajetória e da participação de Alciony na vida da comunidade.

Ao olhar para o passado, a educadora recorda com carinho as festas escolares, o desfile de 7 de setembro, as atividades realizadas com os alunos e os projetos que fizeram parte da história. Mais do que acontecimentos, essas experiências representam momentos de dedicação, criatividade e convivência.

Durante a entrevista, ao revisitar algumas dessas lembranças, Alciony se emocionou. As recordações revelaram o quanto aquelas experiências continuam vivas na memória e o significado que tiveram na vida da educadora. A história de Alciony revela uma professora que buscava diferentes caminhos para ensinar, aproveitando as possibilidades que a própria cidade oferecia. Mesmo depois de tantos anos, as lembranças permanecem vivas, mostrando que a educação pode deixar marcas que o tempo não apaga.



Registro de como Alciony se encontra hoje.



Registro da apresentação do Bumba-meu-boi, manifestação folclórica que marcou a trajetória de Alciony e as memórias culturais de Ataléia.





UM LUGAR INESQUECÍVEL

4. CLUBE DOS 60: LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DE UM TEMPO QUE NÃO SE APAGA

Prof. Renato Alves Teixeira

Em Ataléia, Minas Gerais, alguns prédios ultrapassam a função de simples construções e se tornam testemunhas vivas da história, da cultura e das transformações da cidade. Esse é o caso do antigo prédio do Clube dos 60, um espaço que marcou diferentes gerações de ataleenses e que ainda hoje desperta lembranças de um passado repleto de encontros, alegrias e celebrações.

A história do imóvel começou em meados da década de 1950, quando ali funcionou o Cine Iracema, um dos importantes espaços de entretenimento da época. Em seus anos de funcionamento, o cinema proporcionou à população o acesso a grandes produções nacionais e estrangeiras, levando às telas histórias que despertavam emoções, alimentavam sonhos e reuniam famílias e amigos em torno da magia da sétima arte.

Com o passar do tempo, o Cine Iracema deu lugar ao Clube dos 60, que assumiu um novo papel na vida social de Ataléia. O prédio transformou-se em palco de grandes bailes de Carnaval e de outras importantes festas que movimentavam a cidade, reunindo pessoas de diferentes idades em momentos de confraternização, música, dança e alegria. Seus salões foram cenário de encontros marcantes, namoros, amizades e celebrações que permanecem vivas na memória de quem teve a oportunidade de frequentá-lo.

Durante muitos anos, o Clube dos 60 ocupou um lugar especial na vida comunitária, representando muito mais do que um espaço para festas. Era um ponto de encontro, um ambiente de convivência e uma referência na história social e cultural do município. Cada evento realizado em suas dependências ajudou a construir lembranças que atravessaram gerações e passaram a fazer parte da memória afetiva de Ataléia.

Hoje, o prédio encontra-se desativado. O silêncio que agora ocupa seus espaços contrasta com a movimentação e a animação de outros tempos. Ainda assim, suas paredes guardam vestígios de uma história que não deve ser esquecida: primeiro, como Cine Iracema, levando a magia do cinema aos ataleenses; depois, como Clube dos 60, acolhendo festas e momentos inesquecíveis.

Mais do que recordar um antigo prédio, resgatar a história do Clube dos 60 é valorizar a memória de uma cidade e reconhecer a importância dos espaços que contribuíram para sua formação cultural e social. Afinal, embora o tempo transforme os lugares e silencie seus salões, as histórias vividas ali permanecem na lembrança daqueles que fizeram parte dessa trajetória.

O Clube dos 60 continua sendo parte da identidade de Ataléia. E sua história merece ser preservada, registrada e transmitida às novas gerações, como testemunho de uma época em que o Cine Iracema e os grandes bailes do clube ajudaram a escrever páginas inesquecíveis da vida de nosso município.





NOSSAS MEMÓRIAS

MEMÓRIAS DE ALEGRIA

No Clube dos 60, a alegria vinha primeiro,
Cada encontro era especial, cada momento verdadeiro.
Foram histórias e amizades que o tempo fez florescer,
E muitos bons motivos para sorrir e viver.

Era um ponto de encontro, de riso e acolhimento,
Onde cada abraço traduzia um sentimento.
Havia sempre tempo para conversar,
E a amizade fez nossos caminhos se encontrar.

Que venham novos encontros,
Novas histórias para contar,
Pois a vida fica mais bonita
Quando temos com quem compartilhar.
(Ana Beatriz Matos e Rafaela Simões)

NOSSAS MEMÓRIAS

PATRIMÔNIO CULTURAL: CINEMA E MUITOS CARNAVAIS

Doces lembranças do Clube dos 60









Na fachada atual do imóvel, permanecem vestígios de um passado marcado por histórias, encontros e celebrações que atravessaram gerações.





O tempo não é propriedade exclusiva de uma ciência. Sua existência não permite ser enquadrado como um objeto que pode ser manipulado por um sujeito em condições atemporais. Ele é, na perspectiva da literatura, o acampamento vital de todo ser vivo. Somos seres lançados na temporalidade, habitantes de um tensionamento entre o passado que já não é mais em muitos modos e um futuro que nos ocupa como possibilidade e incerteza. Ambos constituem memórias do que vivenciamos e do que desejamos, e que passam a fundamentar as interpretações do presente. A memória não faz o tempo parar, mas resiste ao esquecimento e ao desconhecido do porvir. E narrar é conferir permanência à habitação coletiva do tempo na transitoriedade individual. Quem lê, habita o mundo dos outros. Quem escreve, por sua vez, cria mundos possíveis para os outros. Uma finitude compartilhada pelas narrativas não gera imortalidade, mas cria sentidos para o que é humanamente experienciado. A literatura é *kairológica*. Experimentá-la é uma forma de resistir ao tempo cronológico como determinante da vida em sociedade. Quem a vive não envelhece, nem se torna solitário(a). Nela não há relógios que quantificam a totalidade indefinida de instantes que conduzem para o fim derradeiro de uma pessoa, mas permite saborear cada instante vivido como a grande riqueza da sabedoria do bem comum.

Prof. Dr. Adair Adams

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

